

Mito e história nas *Histórias*: a narrativa de Heródoto

Rodrigo Gallo*

RESUMO: A distinção gramatical entre os termos história e estória pode estar em desuso na língua portuguesa, mas permanece incólume no inglês, no qual *history* diz respeito à história de fato, e *story* à ficção. Marc Bloch argumentava que a história é repleta de elementos ficcionais. Em Heródoto, o termo é, por vezes, confuso. Mito e realidade se apresentam em um único discurso, fazendo o real se mesclar ao irreal. A conclusão é que Heródoto deve ser lido dentro de seu próprio contexto - uma era pré-socrática - e fazendo as devidas distinções entre o real e o ficcional.

Palavras-chave: Heródoto; *Histórias*; mito; realidade.

Introdução

O termo estória, utilizado para designar uma narrativa fictícia, caiu em desuso na língua portuguesa – ao menos na linguagem oral. Seja ficção ou realidade, os brasileiros costumam adotar com frequência o termo história – que condensa os dois tipos de narrativa e já é popularmente aceito como sendo correto. No inglês, porém, a distinção entre *history* e *story* é bastante expressiva principalmente na literatura, na qual o primeiro refere-se à ciência humana de fato e o segundo à ficção. Na clássica obra *Apologia da História* (2002), Marc Bloch ressalta que a história está repleta de ficção – e que toda ciência, seja ela qual for, representa apenas um pequeno fragmento de um todo e, para se chegar à sua totalidade, há a necessidade de se associar os diversos pedaços.

Ao pensarmos na construção de um texto histórico, portanto, temos um verdadeiro exercício de investigação e interpretação dos acontecimentos. E é aqui que por diversas ocasiões ficção e realidade se mesclam – muitas vezes de forma alheia à vontade do próprio autor, por inúmeros motivos distintos.

Quando pensamos em Heródoto, considerado o primeiro historiador por ofício do mundo Ocidental¹ – e fundamental para conhecermos a história de gregos e não-gregos –, observamos uma situação na qual a estória e a história se entrelaçam em partes muito importantes da obra, criando uma situação na qual o mito e o real se aproximam e

* Rodrigo Gallo, mestrando em história social pela Universidade de São Paulo.

¹ Muitos atribuem esse título a Tucídides.

se distanciam constantemente. Desse modo, é um texto que precisa ser analisado com bastante cautela. O que a princípio parece factível pode ser, numa segunda análise, um dado contraditório e passível de desconfiança – ou no mínimo uma informação que precisa ser checada com outros documentos e fontes históricas.

Existe nas *Histórias* uma complexa mescla de elementos ficcionais e fatos históricos reais, criando um dos mais imbricados registros da história antiga. Cabe ressaltar que o autor viveu um momento de ruptura conceitual de estilos literários. Segundo Grethlein (2011), a segunda metade do século quinto antes de Cristo é marcada pela emergência da chamada historiografia e, conseqüentemente, a invenção da prosa, já que antes era comum escrever os textos em forma de verso. Heródoto está situado nesse momento de mudanças, daquilo que podemos chamar de a passagem do *mythos* para o *lógos*.

Diversos autores, como Norma Thompson (1996) e Evans (1991) afirmam que, de fato, há um enlace de “verdades” e “mentiras” no texto herodotiano, o que pode ser fruto do momento de transformação conceitual no qual o autor se encontrava. Por isso, há um embate entre a tentativa de estabelecer a verdade dos fatos por meio de investigações de campo e entrevistas e a antiga forma de pensamento helênico – que permitia o uso de mitos em meio a textos cujo principal objetivo seria esclarecer “cientificamente”² os fatos.

A questão reside na forma como o historiador investigou e interpretou os fatos narrados, e em diversas circunstâncias na maneira como suas fontes transmitiram essas informações. Além disso, é preciso lembrar que Heródoto estava inserido dentro de um contexto e que era um homem de seu tempo. Desse modo, Heródoto deve ser lido e entendido dentro de seus próprios termos, ou seja, termos de uma era pré-socrática (THOMPSON, 1996, p. 5).

1. Contexto

Lembremos, agora, um pouco do contexto-histórico da época em que as *Histórias* foram escritas. Heródoto escreveu sua obra num período no qual Atenas e sua recém-criada democracia assumiam um papel de vanguarda no Egeu – e até mesmo nas colônias localizadas na Ásia Menor. O historiador nascera em Halicarnasso, por volta de

² Cientificamente está grafado entre aspas pois é um termo contemporâneo.

484 aC, e opôs-se a um regime tirânico. Logo, cresceu em uma cidade na qual os princípios democráticos ainda não haviam se estabelecido, embora já existissem em solo ateniense. Exilado, viajou por terras gregas, além de Itália, Egito e provavelmente por outras localidades do Mediterrâneo e da Mesopotâmia.

Essas viagens resultaram em uma obra única em todos os aspectos – que até hoje é lida e deve ser considerado um dos maiores clássicos da história da civilização grega, embora seja possível questionar diversos pontos do texto.

Se anos depois Tucídides tomaria para si a tarefa de explicar as razões que levaram espartanos e atenienses a entrar em conflito, Heródoto assumiu a responsabilidade de esclarecer os motivos das contendas entre helenos e bárbaros (WATERS, 1985) – e de certo modo explicar porque Oriente e Ocidente entraram em guerra em tantas oportunidades (IMMERWAHR, 1986). Para isso, fez um grande esforço intelectual que gastaria praticamente toda a sua vida adulta e resultaria em sua única obra conhecida. Veja que há uma grande diferença entre o método e as escolhas empregadas pelos dois historiadores. Enquanto Tucídides optou por escrever apenas sobre fatos recentes – muitos dos quais ele próprio vivenciou –, Heródoto optou por trabalhar com um grande espaço-tempo. Isso, logicamente, levou o autor a buscar elementos que pudessem ajudá-lo a compor esse tempo distante da história. Gehrke (2011) argumenta que, para os gregos, o mito não era diferente do que entendiam como sendo a história, como consideramos hoje (p. 49). Essa é uma observação importante que devemos considerar.

Também é importante pensarmos nas *Histórias* como uma obra não apenas histórica, mas também etnográfica e antropológica. Ao falar dos povos envolvidos nos conflitos, o historiador grego buscou explicar seus costumes, tradições, religião, hierarquias políticas, além de informações sobre agricultura, relevo, clima e vegetação. É, portanto, um texto que aborda uma variada gama de temáticas e sujeitos – embora o marco político, muitas vezes esquecido no decorrer da obra, seja mesmo o conflito entre gregos e persas (ou entre helenos e bárbaros, para usar seus próprios termos).

Apesar desta imensa carga de informações contida nas *Histórias*, não podemos – e nem devemos – considerar a obra totalmente científica (utilizando, novamente, um termo atual). Heródoto, por diversas vezes, utiliza elementos pouco factíveis e inverossímeis no texto. Há inúmeros exemplos disso, como poderemos verificar no decorrer deste artigo.

A começar pela divisão dos nove capítulos do livro, cada um deles batizado com o nome de uma das musas da mitologia grega (CONDILO, 2008): Clio, Euterpe, Talia, Melpomene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Urânia e Calíope. É um detalhe sutil que revela uma natureza narrativa inspirada, de certa forma, na própria religião grega – tão presente no cotidiano daquelas pessoas, inclusive em Heródoto.

As musas, na antiga religião helênica, serviam de inspiração para os poetas. Heródoto, por sua vez, em momento algum das *Histórias* se coloca ou assume a posição de poeta. Contudo, a obra provavelmente chegou a ser lida em público, como era costume na época, e é possível que o historiador tenha utilizado elementos da retórica poética para cativar a atenção dos expectadores. E essa inspiração pode servir para justificar a escolha do nome dos livros que compõem a obra.

Quanto à estrutura da narração, Immerwahr ressalta que a obra herodotiana é dividida em diversos *logoi*, ou seja, capítulos com introdução e conclusão em si mesmos – mas que partem sempre de temas ligados à ascensão e queda dos grandes líderes Orientais. Essa é a divisão dos *logoi* principais propostos por Immerwahr.

Quadro 1. Logoi das Histórias

1. Prefácio

2. O logos de Cresos

3. Origens da Pérsia, de Ciro, e a ascensão de Ciro

4. Campanhas de Ciro

5. Campanhas de Cambises

6. A Guerra de Esparta contra Polícrates de Samos

7. Revolta dos Magos e a ascensão de Dario

8. O poder de Dario

9. As cinco anedotas

10. As campanhas de Dario

11. A campanha grega de Xerxes e Mardônio

Fonte: IMMERWAHR, HR. Form and thought in Herodotus. Atlanta: Scholars Press, 1986.

2. Mito e história

Logo no início da obra, Heródoto busca explicar os motivos que levaram gregos e “bárbaros” a se confrontarem na Antiguidade. Para tanto, o historiador vai até as origens das contendas, em épocas remotas e muito anteriores a seu nascimento. Entretanto, reside aqui uma contraposição entre o real e o mítico, ou seja, entre a história e a estória. Segundo Heródoto, a primeira causa da rivalidade entre Oriente e Ocidente remete a uma agressão cometida pelos fenícios: o rapto de Io em Argos. A resposta helênica veio tempos depois, com a expedição à Tiro, na Fenícia, que resultou no seqüestro de Europa, filha do rei local. Isso, segundo o historiador, teria “empatado” a situação.

Entretanto, continua Heródoto, os gregos cometeriam uma segunda ofensa, quando os Argonautas chegaram à Cólquida em busca do velo de ouro, e trouxeram consigo Medéia. O resultado remete posteriormente à Guerra de Tróia, narrada por Homero. Heródoto parte do princípio de que o sequestro de Helena por Páris desencadeou uma nova agressão entre helenos e bárbaros que buscavam sucessivas compensações para o rapto de mulheres de ambos os lados. Seria uma série de *vendetas*.

“E assim Io chegou ao Egito, segundo dizem os persas (mas não os helenos), e esta, em sua opinião, foi a primeira ofensa cometida. Depois disso, de acordo com sua versão, alguns helenos, cujos nomes eles não sabem dizer, desembarcaram em Tiro, na Fenícia, e raptaram Europa, a filha do rei (esses helenos deveriam ser cretenses). (...) Até aí se tratava apenas de raptos de ambos os lados. Mas depois disso, segundo os persas, os grandes culpados foram os helenos; com efeito, eles invadiram a Ásia antes dos persas terem atacado a Europa. Raptar mulheres, dizem os persas, é uma injustiça dos homens, mas querer obstinadamente vingar o rapto é insensatez” (HERÓDOTO, *Hist.* I, 2-4)

Mesmo que fossemos considerar que o sucessivo rapto de mulheres seria uma causa realmente válida para justificar o início de tantas guerras – e a manutenção de uma rivalidade ferrenha por tantos séculos –, Thompson (1996) lembra que não são explicações propriamente históricas. São, segundo a autora, apenas origens míticas para o início dos conflitos. Ou seja, o historiador parte de um marco teórico baseado em

ficções que certamente chegaram até ele por meio das tradições orais helênicas e bárbaras.

Gehrke (2011) explica que esse tipo de exemplo descrito há pouco demonstra como um mito pode ser instrumentalizado politicamente e, desta forma, ser utilizado para dar conta de certas situações envolvendo conflitos. Seria uma forma de usar o mito para esclarecer questões legais, como descobrir por meio dele quem teria começado uma guerra e de quem seria a responsabilidade primária para a contenda ter começado (p. 42).

Esses relatos “estóricos”, por assim dizer, cravam uma importante marca presente ao longo de toda a obra de Heródoto, de acordo com Waters, fortemente influenciada pela poesia épica no estilo narrativo. Havia, segundo esse entendimento, uma inspiração advinda da poética e do drama. O exemplo abaixo indica um forte modelo seguido pelo historiador.

Romm (1998), outro pesquisador que se dedicou a entender o texto herodotiano, faz uma interessante observação ao sugerir que a *Iliada* serviu como principal modelo para esse estilo épico adotado por Heródoto. Waters complementa essa análise ao falar da existência de um paralelismo entre Homero e Heródoto. Ele cita como exemplo a contagem dos navios que navegam para guerrear em Tróia (na *Iliada*) e a forma como Heródoto descreve a contagem das tropas presentes na invasão de Xerxes à Grécia no século V AC (nas *Histórias*).

Vamos comparar dois trechos que exemplificam as afirmações acima. Primeiro em Heródoto:

“As trirremes eram na casa das mil duzentas e sete; e aqui estão os que as forneceram. Os fenícios com os sírios da Palestina forneceram trezentas, equipadas da seguinte forma: na cabeça eles portavam elmos parecidos com os capacetes helênicos; eles vestiam couraças de linho, escudos sem bordas e as lanças (...). Os egípcios forneceram duzentas naus. Eles usavam sob a cabeça elmos feitos de malha de couro, escudos côncavos com as bordas largas, piques próprios para o combate no mar, e grandes machados (...). Os cipriotas forneceram cento e cinquenta navios, e estavam equipados desse modo: seus reis tinham mitras sob a cabeça, e os outros vestiam quitões; o resto da vestimenta era como dos gregos (...). Os cilícios forneceram cem naus. Eles usavam sob as cabeças elmos à moda de seu próprio país (...). (HERÓDOTO, *Hist VII*, 89 – 96)

E em Homero:

“Odiseu lidera os magnânimos cefalônios, - aqueles de Ítaca, de Nerite em sua constante folhagem, - as pessoas de Crocylea, aqueles ávidos Aegilips, - aqueles de Zakintos e Samos, - e também aqueles do continente e da costa que estão de frente às ilhas. Esses eram chefiados por Odisseu, que pensava igual a Zeus. Ele e seus ordenados com doze naus avermelhadas. Os etólios obedecem a Thoas, filho de Andrémon. São aqueles de Pleunon, Olene, Pylene, - de Chalcis sobre o mar e da rochosa Calydon. Os filhos do generoso Oenée não são muitos, nem ele mesmo, e o louro Meleagre morreu. Então, coube a Thoa o poder supremo sobre os eólios. Ele tinha quarenta navios negros. Os cretenses eram chefiados por Idomene, um ilustre guerreiro. São as pessoas de Knossos, de Gortyne de belas muralhas, - de Lycte, de Mileto, da praia Lycaste, - das boas cidades de Pleste e de Rhytie, - e de toda Creta com cem cidades. Eles obedecem a Idomene, ilustre guerreiro, e a Merion, que se iguala ao perigoso Enyale. Eles dispunham de quarenta naus negras” (HOMERO, *Il. cant. II*)

Conforme visto nos exemplos acima, temos Heródoto e Homero relatando a contagens de navios de forma muito semelhante: falando sobre os povos, os líderes envolvidos nas campanhas e relatando o total de navios envolvidos na invasão, como uma espécie de inventário militar. A diferença textual é que enquanto Heródoto escreveu em prosa, Homero narrou a guerra de Tróia em verso.

Esse exemplo é uma amostra de que as *Histórias* sofrem uma forte e direta influência ficcional ao mesclar elementos reais e não reais para narrar os fatos. Justamente por isso Heródoto comete diversas falhas analíticas – e mesmo descritivas – que não são vistas na obra de Tucídides (EVANS, 1991), que procurou ignorar qualquer tipo de elemento divino em sua análise sobre a Guerra do Peloponeso. Cabe reforçar que, por esse motivo, muitos atribuem o título de “Pai da História” a Tucídides.

A presença divina nos eventos históricos é outra marca herodotiana. Dentro de sua narrativa as divindades ganham um espaço determinante para os acontecimentos – assim como ocorre nas obras de Homero. Antes da Batalha de Maratona, por exemplo, Heródoto descreve o encontro de Fidípides com Pã no caminho entre Atenas e Esparta. É, sem dúvida, um fato controverso. Fidípides muito provavelmente viajou em busca de auxílio dos espartanos. Afinal, as *poleis* gregas jamais haviam visto tamanha invasão em seu próprio território, e a união das cidades parecia ser a única forma de expulsar os estrangeiros. Isso é história. Contudo, o encontro com o deus é fruto da influência do mítico na obra.

“Enquanto ainda estavam na cidade, a primeira providência dos comandantes foi enviar a Esparta na qualidade de arauto Fidípides, cidadão ateniense e além disso corredor de longas distâncias e aficionado dessa espécie de atletismo. Esse homem, segundo suas próprias palavras e seu relato aos atenienses, ter-se-ia encontrado com Pã na região do monte Partênion, acima da Tegea; Pã o teria chamado em voz alta pelo nome, Fidípides, e telo-ia exortado a indagar os atenienses a razão de sua negligência em relação a ele, que tanto os estimava e já lhes havia prestado serviços em várias circunstâncias e ainda continuava a prestá-los. Os atenienses, convencidos da veracidade do relato, logo que a situação se tornou mais próspera edificaram um santuário de Pã no sopé da acrópole, e depois de receberem essa mensagem dos deuses procuraram propiciá-lo com sacrifícios anuais e uma corrida de tochas” (HERÓDOTO, *Hist.* VI, 105)

Aparições de deuses, oráculos e a influência do Olimpo nas ações humanas são recorrentes nas *Histórias*, não apenas no que diz respeito aos helenos, mas também na própria história Oriental. Um outro exemplo é a dúvida de Xerxes de invadir ou não a Grécia no início do século IV AC, permeada por sonhos e visões.

3. Cresos e o teatro grego

Tomemos, agora, um outro exemplo bastante conhecido da obra de Heródoto. Conta o historiador que Cresos tornou-se o senhor de um dos reinos mais ricos conhecidos até aquele período. E justamente na parte da narrativa que envolve a história do rei da Lídia há uma nova amostra da presença do imaginário em meio à realidade.

Segundo a narrativa, Sólon, após viajar ao Egito, decide passar uma temporada na Lídia, onde é recebido por Cresos e tem um dos mais emblemáticos diálogos das *Histórias*. Com um tom de fábula, o ateniense alerta o rei lídio sobre a falsa sensação de felicidade trazida pela riqueza, que ele só compreende de fato no momento de sua execução após perder o reino para o persa Ciro.

“Após a partida de Sólon, a vingança divina caiu cruelmente sobre Cresos, porque, eu suponho, ele estava crente de que era melhor do que todos os homens. (...) Os persas se apoderaram de Sardis e aprisionaram Cresos. Ele reinou durante quatorze anos e ficou sitiado por quatorze dias; e, conforme o oráculo, ele havia posto fim a um grande império: o seu. Os persas, quando o aprisionaram, levaram-no até Ciro. Ele mandou juntar uma grande pira; e sobre a pira ele mandou colocar Cresos, ao lado de

quatorze jovens lídios; (...) E, como Cresos estava sob a pira, ele teve uma inspiração divina das palavras que Sólon lhe havia dito: ‘nenhum vivo é um homem honroso’. Quando este pensamento veio, ele suspirou e lamentou-se, após um longo período de silêncio, e por três vezes falou o nome de Sólon. Creso, que tinha entendido, ordenou a seus intérpretes que perguntassem a Creso o que era aquilo que ele invocara; Ele se aproximaram e lhe perguntaram. Creso, interrogado, passou um tempo sem dizer nada; em seguida, ele respondeu: ‘ser um homem que possui seu destino, ao preço de muito dinheiro, que muitos reis se fazem conservar.’ Essa frase era ininteligível por aqueles que o interrogavam, e eles perguntaram novamente o que ele havia dito. E, como eles obedeciam a forças da insistência, ele terminou por recontar que em outra circunstância o ateniense Sólon estava com ele, que havia contemplado toda sua opulência, e mesmo assim falou que todos os homens só sabem se são mesmo ricos quando chega a hora da morte” (HERÓDOTO, *Hist. I*, 1956, 34, 86)

Evans afirma que esse *logos* é teatral, dramático e trágico – lembrando elementos do próprio teatro desenvolvido em Atenas na época, cujos principais representantes daquele século eram Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes.

James Romm, por sua vez, afirma que Heródoto transformou a história de Creso numa grande lição de moral, que começa com o discurso de Sólon e termina com o rei lídio em uma pira, compreendendo finalmente a dura lição ensinada por Sólon. Então, diante dessa compreensão, ele é miraculosamente salvo por Apolo (Romm) – um caso clássico de *Deus ex machina*. Heródoto, para o autor, era um homem de muitas vocações, que incluíam o moralismo, o drama e a arte da narrativa romanceada.

Os números dos exércitos presentes em batalhas importantes entre gregos e estrangeiros – quase sempre indicando que os helenos lutavam em grande desvantagem – também pode causar uma reação extremamente positiva nas leituras públicas. Afinal, isso serviria para demonstrar que mesmo diante de impérios imensos e aparentemente indestrutíveis as falanges gregas foram capazes de vitórias heróicas, por meio da virtude, da superioridade da estratégia ante os números inimigos, e da garra em defender seu território. Basta imaginar o impacto disso nas leituras públicas.

4. Debate persa

Pegemos, agora, o exemplo do debate persa, presente no livro III, capítulos 80 a 82. Nessa passagem da obra, Heródoto narra um diálogo entre três nobres persas, ocorrido logo após um golpe de Estado que depôs o sucessor de Cambises – e que viria

a coroar Dario como sucessor do trono. Além do próprio Dario, outros dois proeminentes membros da sociedade persa, Otanes e Megabizo, discutiam a respeito da melhor forma de governo a ser adotada. Otanes defendeu a democracia – décadas antes das reformas constitucionais promovidas em Atenas por Clístenes, que de fato criariam o modelo democrático. Megabizo defendeu a adoção de uma oligarquia, e Dario sustentou a manutenção do regime monárquico.

“Quando cessou o tumulto, passados cinco dias, os persas rebelados contra os magos se reuniram em conselho para tratar da situação em geral, e pronunciaram discursos considerados incríveis por alguns helenos, mas eles foram realmente pronunciados. Otanes pleiteou a entrega do governo ao povo persa, dizendo o seguinte: ‘Em minha opinião o governo não deve caber a um único homem; isso nem é agradável nem é bom. Vistes a que extremos chegou a insolência de Cambises, e suportastes também a insolência do mago. Como seria possível haver equilíbrio no governo de um homem só, se nele o governante pode fazer o que lhe apraz e não tem de prestar contas de seus atos?’ (...) Em seguida Megabizo propôs a instituição de uma oligarquia, dizendo o seguinte: ‘Quando Otanes propõe a extinção do governo de um único homem, concordo com suas palavras, mas quando vos exorta a entregar o poder ao povo ele se afasta da melhor opinião. Nada é mais insensato e insolente que uma multidão indolente; salvar-nos da insolência de um tirano trocando-a pela insolência de uma multidão desenfreada seria absolutamente inadmissível’ (...). Dario emitiu a sua opinião em terceiro dizendo: ‘Com efeito, dos três regimes que se nos oferecem, teoricamente cada um deles é o melhor possível – o regime popular é excelente, a oligarquia também e o governo de um único homem também; digo, então, que o governo de um homem só é de longe o melhor. Nada parece preferível ao governo de um homem só, se este é o melhor dos homens’ (HERÓDOTO, *Hist.* III, 80-82)

O diálogo exemplificado acima é bastante controverso, considerado por muitos como sendo o primeiro texto de ciência política Ocidental (ASHERI, 2006, p. 86) – e que viria a influenciar toda uma discussão posterior sobre as formas de governo, que inclui pensadores clássicos como Platão, Aristóteles, Políbio, Cícero e até mesmo Maquiavel, tantos séculos depois.

Porém, muitos se questionam o motivo pelo qual ele foi inserido nas *Histórias*, já que muito provavelmente está deslocado ou fora de contexto. Evans (1981, p. 79) é convicto ao afirmar que Heródoto realmente deveria acreditar que o debate ocorreu. Entretanto, nenhuma outra fonte histórica, seja grega ou persa, trata do assunto.

Podemos notar que o historiador atribui conceitos políticos Ocidentais à fala de homens persas, acostumados com outros sistemas políticos. Além disso, o próprio

diálogo entre os três lembra formas semelhantes de textos escritos na Grécia e que compõem o *corpus* retórico da Hélade. Platão, por exemplo, viria a escrever seus tratados políticos nessa forma de diálogo, usando personagens reais para discutir complexas questões políticas. Outros fizeram o mesmo, o que sugere que Heródoto pode ter escrito essa passagem da obra utilizando elementos retóricos gregos.

É interessante compararmos, agora, com a inscrição de Behistun, na qual Dario I, recém-empossado governante do Império Persa, atribui suas próprias qualificações. Além de mostrar ao público a genealogia do próprio ramo arquemênida, Dario afirma em mais de uma passagem que é rei dos persas – e também dos elamitas, babilônios, assírios, árabes, egípcios, lídios, gregos, medos, armênios, capadócios, partos e outros povos. Contudo, Dario não utiliza termos como monarquia, monarca ou monárquico em nenhum local da inscrição ao referir-se a si mesmo ou ao seu cargo (LECOQ, 1997). Isso nos dá um indício de que, ao menos literalmente, as expressões usadas por Heródoto no debate persa são comuns ao Ocidente, e não ao Oriente – visto que o próprio rei não as utiliza em seu inventário.

Podemos, então, entender que é possível pensarmos em duas hipóteses para o debate persa. Ou Heródoto ouviu histórias de fontes que narravam um certo ritual persa de passagem de poder, que ele teria interpretado como um diálogo real sobre as formas de governo, ou ele teria decidido inserir propositalmente essa passagem nas *Histórias* como propaganda política (MORRIS, 1959, p. 76) para ser lida na *ágora*. Essa segunda hipótese levaria em conta uma crítica direta à ascensão de Péricles em Atenas, que, naquele momento, ocupava uma posição de destaque no cenário político ateniense.

Contudo, a primeira hipótese para o debate também tem fundamento. Thompson lembra que Heródoto não tinha clareza do regime político persa, e de fato pode ter se equivocado na narrativa. Sobretudo porque a tradição política persa dava autonomia para que cada sátrapa comandasse sua província da forma que julgava melhor. Contudo, com o passar do tempo houve uma centralização de poder nas mãos do rei. Com a troca de liderança, a fala de Otanes, em defesa da democracia, poderia ser uma interpretação ocidentalizada para um pedido de descentralização.

Conclusões

No último século, muitos pesquisadores dedicaram seu trabalho a analisar criteriosamente a narrativa de Heródoto. Um dos mais contundentes é Maurice Hutton. Segundo ele, Heródoto poderia ser conhecido como “pai da mentira” – e não como pai da história. O motivo seria a inconsistência de informações, principalmente no que se refere ao Oriente.

Hutton coloca em dúvida inclusive a suposta viagem de Heródoto à Babilônia, pois o historiador teria confundido estátuas de deuses, templos e até mesmo a localização das muralhas da cidade (HUTTON, 1911). O autor afirma que esses erros só foram causados porque Heródoto provavelmente nunca esteve na Babilônia – embora o historiador grego tenha afirmado que sim.

Entretanto, não podemos nos esquecer também de que o próprio historiador tinha um posicionamento político claramente demonstrado em diversos pontos da obra (CONDILO, 2008). Asheri (2006) afirma que nos *logoi* de ascensão e queda dos grandes líderes Orientais Heródoto criou estereótipos baseados não apenas em seu pensamento político, mas também herdados da tradição literária e da moral grega – e não necessariamente em documentos autênticos encontrados no Oriente. Sendo assim, o historiador teria criado suas personificações ideais, como o tirano cruel, o rei pai, o sábio administrador, o imperador arrogante, e outros.

Talvez não seja absurdo imaginarmos que essas personagens reais, mas tratadas por ele de forma estereotipada, poderiam ser mais facilmente compreendidas para um grande público em uma praça grega onde o texto era lido. Como definiu Hartog (1999), seria o esquema de comparações classificatórias criado por Heródoto para tornar a obra melhor compreendida: ao explicar determinados costumes ou hábitos do “outro”, tentar melhor “traduzi-lo” à realidade do Ocidente usando um exemplo helênico.

O fato é que ao longo dos séculos muitos pesquisadores vêm se questionando se Heródoto deve mesmo ser tratado pela alcunha de “pai da história”. De qualquer modo, entre erros e acertos, histórias e estórias, é inegável a importância de Heródoto para a compreensão do mundo antigo em sua totalidade. Foi ele quem deu voz aos bárbaros, e reconheceu sua capacidade de criar leis, edificar Estados complexos e construir civilizações prósperas e autônomas. O historiador também foi o primeiro a vislumbrar a importância global do império persa – embora tenha cometido uma série de equívocos em sua narrativa.

Todavia existam diversas críticas à obra herodotiana, Asheri reconhece que Heródoto tem um alto grau de confiabilidade em diversos pontos ao tratar da história Oriental, como as genealogias, a divisão das satrápias persas, a relação de tributos pagos ao rei, etc.

Logo, mesmo diante de tantos impasses entre a história e a estória, entre o real e o mítico, Heródoto deve sim ser lido como um autor clássico, porém, essa leitura precisa ser cuidadosa e analítica, para melhor distinguir o real e o imaginário, e interpretar com cautela e precisão os conceitos e interesses presentes por trás desses elementos fictícios.

Myth and history in the *Histories*: Herodotus's narrative

ABSTRACT: The grammatical distinction between the terms *história* [history] and *estória* [story] can be in disuse in Portuguese Language, but keep scathe less in English, in which *history* regards 'history' itself, and *story* regards fiction. Marc Bloch argued that history was full of fictional elements. In Herodotus, the term is quite often confuse. Myth and reality presents themselves in a single discourse, making real merge with unreal. The conclusion is that Herodotus must be read within his own context - a pre-Socratic era - and making the distinctions between the real and the fictional.

Key-words: Herodotus; *Histories*; myth; reality.

Referências

ASHERI, David. *O Estado persa*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CONDILO, Camila. *Heródoto, as tiranias e o pensamento político nas Histórias*. São Paulo: dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo, 2008.

EVANS, JAS. *Herodotus, explorer of the past*. New Jersey: Princeton University Press, 1991.

_____. Notes on the debate of the Persian grandees in Herodotus 3, 80-82. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica, New Series*, vol. 7, p. 79-84, 1981.

GEHRKE, Hans-Joachim. *Myth, history, politics – ancient and modern*, in: *Greek and Roman Historiography*, Oxford: Oxford University Press, 2011.

GRETHLEIN, Jonas. *The rise of Greek historiography and the invention of prose*, in *The Oxford History of Historiography Writing*, Oxford: Oxford University Press, 2011, vol 1, p. 148-170.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HERODOTE. *Histoires (vol. 1)*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

_____. *Histoires (vol 3)*. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

HERÓDOTO. *História*. Brasília: UnB, 1985.

HOMERE. *Iliade: tome I (chants I-IV)*. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

HUTTON, Maurice. *The mind of Herodotus*, in: *Transactions and proceeding of the American Philological Association*, vol. 42, p. 33-43. The John Hopkins University Press, 1991.

IMMERWAHR, HR. *Form and thought in Herodotus*. Atlanta: Scholars Press, 1986.

LECOQ, Pierre. *Les inscriptions de Darius I*, in: *Les inscriptions de la perse achéménide*, Paris: Gallimard, 1997.

MORRIS, JS. Pericles monarchos. *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 70, p. 76-77, 1950.

ROMM, James. *Herodotus*. New Haven: Yale University Press, 1998.

THOMPSON, Norma. *Herodotus and the origins of the political community*. New Haver: Yale University Press, 1996.

WATERS, HK. *Herodotus the historian: his problems, methods and originality*. Norman: University of Oklahoma Press, 1985.

Data de envio: 31 de janeiro de 2013

Data de aprovação: 10 de junho de 2013

Data de publicação: